

SEU LUNGA COMO PERSONAGEM MIDIÁTICO: Os perfis construídos nos folhetos de cordel e nas revistas

[SEU LUNGA AS MEDIA CHARACTER: The profiles made in *cordéis* and magazines]

Maria Gislene Carvalho Fonseca
Universidade Federal de Minas Gerais

Michael Manfred Hanke
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

60

Resumo: Este trabalho se refere à construção da imagem do personagem Seu Lunga, que surge na oralidade, passa pelos folhetos de cordel e chega a outros espaços midiáticos, como jornais, revistas e televisão. Aqui apresentamos uma revisão bibliográfica sobre os conceitos que definem personagem para Brait (2006), Rosenfeld (2011), Bakhtin (2011) e Wood (2012). Em seguida, analisamos matérias disponibilizadas em quatro revistas - Playboy, Contexto, Cariri e Siará, que fazem uma abordagem sobre Seu Lunga, observando como o personagem é retratado nas publicações, analisando as contribuições de cada veículo para a construção do personagem, a partir das características desenvolvidas nos folhetos.

Palavras-chave: Personagem; Mídia; Cordel.

Abstract: This paper refers to the construction of the image of character Seu Lunga, which arises in orality, passes by Brochures of cordel and comes to the mass media. Here we present a literature review of the concepts that define character to Brait (2006), Rosenfeld (2011), Bakhtin (2011) and Wood (2012). We then analyze texts available in four magazines - Playboy, Contexto, Cariri and Siará, that make Seu Lunga, observing how the character is portrayed in publications, analyzing the contributions of each vehicle to build character.

Keywords: Character; Media; Cordel.

JOAQUIM DOS SANTOS: SEU LUNGA

Joaquim dos Santos Rodrigues morava em Juazeiro do Norte, no Cariri Cearense, a 516 km de Fortaleza, e faleceu em 23 de novembro de 2014. Chamado de "Seu

Lunga", ele ficou conhecido por respostas grosseiras a perguntas consideradas tolas e virou um personagem, cujas histórias circulam através de conversações cotidianas, folhetos de cordel e veículos de mídia massiva. O personagem, então, alcança um amplo destaque regional, tendo seu nome associado às situações de grosseria, chegando ser identificado, também, nacionalmente a partir de produções que o apresentam como "o homem mais ignorante do mundo".

Neste texto, que é parte do trabalho 'Folhetos de cordel entre realidade e ficção cotidiana: um estudo da mídia na construção do personagem Seu Lunga', defendido como dissertação de mestrado em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte apresenta uma revisão bibliográfica sobre os conceitos que definem o que chamamos de personagem para Brait (2006), Rosenfeld (2011), Bakhtin (2011) e Wood (2012) e como ele se constitui nos folhetos de cordel, no caso de Seu Lunga. Em seguida, analisamos matérias disponibilizadas em quatro revistas - Playboy (n. 434. Jul-2011), Contexto (n. 2. Set-2011), Cariri (n. 3. Ago-2011) e Siará (n. 84. Ago-2013) - que fazem uma abordagem sobre Seu Lunga, observando como o personagem é retratado nas publicações, contribuindo para a construção de uma imagem que se difunde sobre ele. As publicações analisadas neste artigo foram lançadas antes da morte de Seu Lunga, acontecimento que deu ao personagem nova representação midiática. Nos detemos aqui às características que fazem parte de um imaginário cultural e como a mídia o representa, a partir do que fora publicado em folhetos de cordel.

Seu Joaquim era dono de uma sucata que funcionava no centro da cidade e que vendia uma grande variedade de objetos que se confundem aos olhos do visitante que desconhece a organização daquele espaço. Transparecia simplicidade. Vestia-se como um sertanejo é capaz de ser reconhecido: usava camisa de botão, calça de pano, sandálias e um chapéu de massa para proteger do sol. Trabalhava diariamente na sucata, onde não tinha empregados. Era devoto de Padre Cícero, como sugere a religiosidade da cidade de Juazeiro do Norte. As feições do rosto demonstravam um ar de cansaço e de pouca paciência. O discurso sobre suas opiniões nos mostravam certa intolerância com o que diverge de seus pensamentos. Ideias que pareciam fixas e com

poucas possibilidades de mudança. Interessado em política – já fora candidato a vereador da cidade de Juazeiro do Norte – e em poesia – recitava seus versos a quem pedisse.

Mas nenhuma destas características foi considerada tão marcante. Seu Joaquim ficou conhecido com o homem das respostas grosseiras. Aos poucos, as histórias dos diálogos que aconteciam na sucata começavam a tomar forma de piada e se espalharem. Um indivíduo que viveu a situação contava a outra pessoa, que repassava a história a outro grupo e os relatos iam se difundindo potencialmente. Cada história contada pela subjetividade do interlocutor, que vai adaptando os fatos de acordo com sua memória, com a estética do discurso, incluindo ou retirando elementos que julgue interessantes e atuando como testemunhas oculares, contando o que viam, ou auditivas, relatando o que ouviam falar. A realidade vai sendo construída por cada mediador que difunde o aspecto de grosseria de Seu Joaquim.

A criatividade dos sujeitos não fica restrita aos discursos que foram produzidos por Seu Joaquim e as suas adaptações. A grosseria das respostas foi se espalhando pelos boatos e aos poucos, histórias de diálogos com respostas inesperadas eram criadas e passavam a ser atribuídas a Seu Lunga. “Não existe muita riqueza de argumentação ou um intrincado desafio linguístico: é construir um contexto, formular uma pergunta que possa provocar seu gênio irascível e antever a resposta” (CARVALHO, 2006: p. 82). Ele se torna uma sinédoque, ou seja, um sujeito que agrega o imaginário de diversos atos que não necessariamente tenha realizado, de comportamentos grosseiros, de respostas impacientes, que para serem tomadas como reais, precisam de um sujeito que as execute.

Assim, Seu Joaquim, aquele homem simples da sucata, de repente, passa a ser tratado como um personagem cômico, o protagonista das histórias de perguntas ingênuas e respostas intolerantes, o Seu Lunga. Segundo Carvalho (2006), ele tem tido sua imagem modelada e cristalizada pelo povo. O homem real vira, então, uma caricatura, uma representação que é transmitida e retransmitida constantemente quando o assunto é “ignorância”.

No Nordeste brasileiro, a palavra “ignorância”, pelo senso comum, refere-se a grosserias, dificilmente ao seu sentido formal que significa desconhecimento de determinada situação ou assunto. Assim, este adjetivo é comumente utilizado para classificar Seu Lunga, inclusive, colocando-o como “o homem mais ignorante do mundo”. Talvez ele seja mesmo, o personagem, diante de tantas histórias que são a ele atribuídas.

O personagem Seu Lunga é uma caricatura daquele homem que conhecemos no centro de Juazeiro do Norte. Inicialmente refere-se a ele, mas, aos poucos, vai adquirindo características próprias, ainda que algumas permaneçam com referência ao sujeito da realidade cotidiana. Ele se torna uma lenda do imaginário coletivo na região do Cariri cearense, uma curiosidade local, um traço distintivo da cidade onde mora, um símbolo representativo de Juazeiro do Norte.

Personagem local que passa a ser midiaticado. Inicialmente, pela mídia cordel, como um registro da história cotidiana que começa a fazer um registro daquilo que as pessoas contam sobre o homem que se tornou importante, que se tornou um destaque da cultura local. Um homem que tem sua representatividade social por fazer parte do coletivo de significados que a cidade de Juazeiro do Norte possui, e que não fica restrito à cidade, tanto que passa a aparecer em veículos de circulação nacional.

SEU LUNGA PERSONAGEM DE CORDEL

Seu Lunga é, então, um personagem midiático. Cria-se um cenário em torno de suas representações, que o constituem enquanto elemento principal de uma narrativa cômica e que se consolida no imaginário coletivo a partir das construções midiáticas, seja nos folhetos, onde tem mais força, seja na televisão ou nas revistas, que permitem que Seu Lunga seja transportado do espaço de Juazeiro do Norte para todo o Brasil.

Em uma narrativa, o personagem é quem conduz as ações. É nele que se concentram os fios condutores das histórias contadas. Personagem, segundo Rosenfeld (2011), constitui ficção. O conceito de Brait (2006) também enquadra o

personagem no âmbito da ficção e a define como “ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidos a partir dos recursos utilizados para a criação” (BRAIT, 2006: p. 31). Neste trabalho consideramos as definições dos autores, mas ampliamos a compreensão da personagem para as demais formas narrativas que ultrapassam a ficção. Temos personagens em textos jornalísticos, em relatos históricos, em folhetos de cordel. Entendemos aqui que personagem é a representação discursiva de um condutor antropomorfizado das ações constituintes de uma narrativa.

Esta exibirá muitos trejeitos, máscaras aleatórias, gestos falsos e atos inesperados em função das respostas volitivo-emocionais e dos caprichos de alma do autor; através do caos de tais respostas, ela terá de inteirar-se amplamente da sua verdadeira diretriz axiológica, até que sua feição finalmente se construa em um todo estável e necessário. (BAKHTIN, 2011: p. 4)

Assim, Seu Lunga, que não constitui exatamente um personagem de ficção, mas que perpassa as atividades criativas e imaginativas dos poetas de cordel e que possui um referente na realidade cotidiana, ainda que com características distorcidas, é também considerado personagem e como tal é tratado aqui. Segundo Bakhtin (2011), o autor vivencia sua personagem, e a atitude essencialmente criadora está em inserir-lhe imagens.

Rosenfeld (2011: p. 32) considera que “a nossa visão da realidade em geral, e em particular dos seres humanos individuais é extremamente fragmentária e limitada”, enquanto os personagens são acessíveis em toda a sua essência, pelo menos toda aquela que se pretende apresentar para a realização das ações narrativas, sejam quais forem suas intencionalidades.

Rosenfeld (2011) fala que a criação de personagens está situada em zonas indeterminadas, que se atém a elementos que não precisam ser dados ou descritos. Estas zonas representariam aquilo que não foi objetivado em forma de linguagem, mas que se constitui como imagens mentais, que decorrem justamente da limitação das orações das narrativas, que é a possibilidade da imaginação.

Assim, temos um acesso à consciência de Seu Lunga - personagem - que se faz muito mais amplo do que seria possível com relação a Seu Joaquim. Por isso, tem-se uma ideia em relação ao personagem de conhecimento de toda a sua essência, sensação de onisciência dentro da narrativa por parte do autor, mas também por parte dos leitores/ouvintes que se sentem em uma posição de supor o tipo de resposta que seria dada por Seu Lunga em determinadas situações. Enquanto Seu Joaquim apresenta diversas características que compõem uma personalidade que não pode ser totalmente descrita nos folhetos, mas a partir deles abre-se a possibilidade de imaginação.

Os personagens, então, se mostram mais coerentes que as pessoas reais, com menos contradições. Seu Lunga só é compreendido dentro de um contexto de grosseria, enquanto Seu Joaquim, ao passo que é grosseiro em algumas atitudes, se mostra delicado ao compor versos de poesia, o que pode se configurar como uma incoerência narrativa. Assim, o autor decide qual é o rumo de seu personagem, selecionando situações e aparências físicas e de comportamento que mereçam destaque, tornando os personagens, segundo Rosenfeld (2011), seres humanos puramente transparentes, em termos epistemológicos, à nossa visão.

Essa construção de uma representação é chamada por Bakhtin (2011) de excedente da visão estética, considerando-as como criações, por tratarem-se de conhecimentos limitados sobre o outro. Os autores nunca conhecerão por completo a essência de Seu Joaquim, assim, sua representação é feita como personagem a partir de atividades contemplativas, que permitem as atividades criativas. As imagens externas são vivenciadas unicamente pelos indivíduos e temos a sensação de apreender completamente a personagem, pois suas formas caricaturais nos são apresentadas como se representassem o todo.

A consciência do autor envolve a consciência e o mundo de seu personagem, conhecendo tudo o que o caracteriza, o que ele conhece, o que ele sente, mesmo as sensações que sejam inacessíveis aos próprios personagens. “O modo como eu vivencio o eu do outro difere inteiramente do modo como vivencio o meu próprio eu”

(BAKHTIN, 2011: p. 35). As afirmações do personagem sobre si mesmo, na verdade, são afirmações do autor sobre a consciência da personagem, são representações. O outro que percebemos não é o outro real. Sua completude está inacessível e apenas podemos ter acesso ao que sobre ele é construído. Como em um ciclo, isso vai acontecendo em forma de discursos sobre discursos.

Wood (2012) considera que conhecemos os personagens a partir das formas como eles nos são apresentados pelos autores, que algumas vezes é como outros personagens o veem. Conhecemos os personagens pelo que Bakhtin (2011) chama de excedente da visão estética. Nossa interpretação sobre os personagens são construídas a partir do que os autores constroem sobre elas. No caso de Seu Lunga, são vários autores que o constroem, coletivamente ainda que de forma independente. Cada um com seus discursos constroem elementos de um personagem em comum. Conhecemos Seu Lunga a partir do que sobre ele é dito em folhetos de cordel, em programas de televisão, em jornais e revistas. Mesmo em entrevistas, quando a possibilidade de fala era oferecida ao homem-personagem, a construção das perguntas o direcionava ao reforço das características de personagem.

Assim, a atividade criativa que gera a imagem de Seu Lunga não pode ser considerada individualmente, já que cada poeta, assim como cada narrador oral, insere elementos nesse personagem ao qual temos acesso. Seu Lunga é o resultado de uma série de diálogos que compõem novos discursos, conforme sugere o dialogismo de Bakhtin (2011). É a partir dos diálogos que o imaginário é constituído, em seu sentido mais amplo, e no caso da construção do personagem Seu Lunga, estes diálogos podem ser identificados e analisados a partir dos discursos dos folhetos.

Em cada caso contado sobre Seu Lunga, novos elementos decorrentes das ações se constituem como construtivos dos personagens. Cada personagem Seu Lunga, de cada poeta, é um personagem diferente e que contribui com traços para constituir a imagem do Seu Lunga que se faz marcante nos imaginários nordestinos.

Por tratar-se de um personagem, Seu Lunga não surge de suas próprias forças de existências, mas há uma inspiração em um homem que também se configura como

autor, quando cria traços de personalidade. Nos referimos aqui à autoria dos poetas, que decorre da oralidade que se inspira no autor primeiro, que é o próprio Seu Joaquim. Mas a configuração do personagem enquanto tal está na “compreensão participativa e o acabamento do acontecimento da vida dela por um espectador em realidade cognoscente e eticamente alheio” (BAKHTIN, 2011: p. 13), ou seja, na imagem que se constrói na recepção.

Seu Lunga é descrito nos folhetos, atribuem-se adjetivos, faz-se juízo de valor sobre sua personalidade, mas a força de sua caracterização está nas ações que se repetem: perguntas ou comentários triviais que recebem respostas grosseiras. Segundo Bakhtin (2011), o todo semântico do personagem só pode adquirir significação neste conjunto entre traços descritivos e ações. Através do ato, realiza-se uma significação concreta, que depende de fins e de meios, não apenas de determinações dos personagens.

Brait (2006) classifica este tipo de personagem como plano, ou seja, “definidos com poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor” (BRAIT, 2006: p. 41). Personagens planos podem ser subdivididos em “tipos”, que são peculiares, mas não deformados, e “caricaturas”, quando uma única característica é levada ao extremo, causando distorção e, segundo Brait (2006), normalmente está a serviço da sátira. Seu Lunga é uma caricatura em que apenas a grosseria recebe destaque em suas ações, sendo distorcida ao ponto de representar situações inverossímeis ou de agressões a si próprio.

Nos versos de cordel, são sempre os traços de grosseria que são relatados. Apesar de alguns poetas destacarem outras características quando iniciam os folhetos, as ações realizadas pelo personagem têm sempre uma mesma forma, seguem estruturas semelhantes e o conteúdo se refere ao mesmo traço constitutivo, que é o das respostas agressivas.

Um prato de sopa quente

Seu Lunga tava comendo
 Um amigo lhe pergunta:
 O que você está fazendo?
 Responde: estou me banhando!
 No próprio corpo virando
 Aquela sopa fervendo¹

Classificar Seu Lunga como um personagem plano não significa considerá-lo pouco vivo, ou que isso o coloque em um campo de significação distanciado da realidade cotidiana. Em vez disso, fixar-se em uma característica e assumir o posicionamento de um único olhar remete à complexidade do personagem como todo, do qual o autor não dará conta. Faz-se assim uma caricatura, destacando um elemento apenas para representar este todo. “Terei de admitir que muitos personagens ditos planos me parecem mais vivos e mais interessantes como estudo humano, por mais efêmeros que sejam, do que personagens redondos a que supostamente estão subordinados” (WOOD, 2012: p. 94).

Seu Lunga descrito nos versos é a personificação, a representação de uma ideia. Uma significação que remete a um homem real e ao mesmo tempo cria outro, cria vários, com características estereotipadas, que variam nos folhetos apenas em alguns detalhes, mas mantém os formatos de construção de realidades que se refletem no cotidiano, nas falas, nos interpretantes, que se formam a partir das leituras dos versos.

Seu Lunga, então, torna-se um símbolo cujo significado é a grosseria. Possui características pré-determinadas, e se faz possível construir diversos “Seu Lunga” a partir destes traços estruturais. Assim, a relação entre Seu Lunga e respostas grosseiras passa a compor o imaginário coletivo, remetendo-se mutuamente como representações simbólicas.

Na constituição do folheto, o personagem Seu Lunga é fundamental, pois os gracejos estão centrados em suas ações de protagonista. Ele interage com outros interlocutores, mas eles não são fixos nos causos. Alguns até aparecem mais de uma vez, como é o caso da esposa de Seu Lunga, mas ela não é descrita nem recebe características, apenas sofre as ações.

¹ Rouxinol do Rinaré, p. 11.

Seu Joaquim considera que os causos não representam a realidade, mas o nome do personagem coincide com seu apelido e as histórias de grosserias remetem a comportamentos rudes que Seu Joaquim assume possuir, com a justificativa de exigir denotações linguísticas nas perguntas que lhe fazem.

Apesar de considerar que os versos de cordel não representam o que ele chama de realidade, Seu Joaquim tem comportamentos que levam à identificação dos dois “Lunga” como sendo o mesmo. “Olhando através dessa tela da alma do outro, reduzida a meio, eu vivifico e incorporo a minha imagem externa ao mundo plástico-pictorial” (BAKHTIN, 2011: p. 29). Personagem e indivíduo se confundem e se misturam o tempo inteiro, porque o próprio Seu Joaquim, por vezes, incorpora as ações que são reproduzidas nos folhetos e que ele critica, mas não desconstrói.

E daí temos as constituições de imaginários e mitos em torno de Seu Lunga. Histórias que não se tem confirmação, mas que se fazem reais pelas criações e pelas difusões que atingem. Assim, pensamos no personagem Seu Lunga como um mito, seguindo as definições semiológicas de Barthes (2012), para quem o mito é uma fala. Sendo assim, podemos considerar a formação mitológica deste personagem na perspectiva narrativa em que ele se constitui.

REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA: SEU LUNGA ALÉM DOS FOLHETOS

Seu Lunga, como personagem midiático, é um olimpiano, que, segundo Morin (2011), representa vedete da grande imprensa, as chamadas celebridades. Indivíduos cujas vidas se confundem entre o público e o privado, cujas ações se confundem entre o interesse coletivo e a representação midiática, que transitam constantemente entre real e imaginário. Seu Lunga, então, é um olimpiano. Vira uma celebridade, uma personalidade que a audiência tem interesse em conhecer. Visitar a sucata, tirar foto, tentar fazer uma pergunta óbvia para receber uma resposta grosseira de Seu Joaquim passa a ser pauta turística de quem visita Juazeiro do Norte.

Seu Lunga era constantemente pauta de veículos de mídia tradicionais, além dos folhetos de cordel. Revistas e programas de televisão costumam se inspirar nos casos e no estereótipo construído sobre ele para fazerem matérias em busca deste homem tão mencionado e procurado nos folhetos de cordel. Um personagem exótico. O ponto de partida é sempre o mesmo, ainda que o desenvolvimento das matérias caminhe por direções distintas. Busca-se revelar quem é Seu Lunga, a existência real do “homem mais zangado do mundo”. Mesmo as matérias que trataram de sua morte tiveram como ponto de partida as piadas sobre a grosseria de Seu Lunga, fosse com a utilização de imagens de arquivos em que este comportamento pudesse ser reforçado, fosse em sonoras com entes de Seu Joaquim, cujas perguntas faziam referência ao comportamento pouco paciente.

Como exemplos de destaque para neste trabalho, escolhemos quatro revistas: Playboy (n. 434. Jul-2011), Contexto (n. 2. Set-2011), Cariri (n. 3. Ago-2011) e Siará (n. 84. Ago-2013). Uma das revistas possui circulação nacional, uma de âmbito regional e as outras duas estaduais, respectivamente. Neste momento apontamos algumas das formas como o estereótipo do cômico e grosseiro são apresentados, seus reforços ou tentativas de desconstrução a partir da escolha, ou não, de determinados termos que remetem à grosseria e a um comportamento rude.

As revistas Cariri e Siará, as de circulação mais próximas de Seu Lunga apresentam textos que possuem elementos discursivos estereotipados, mas trazem com mais frequência os contrapontos. Já na revista Contexto, que mesmo tendo veiculação no Nordeste, concentra circulação do estado do Rio Grande do Norte, apresenta um Seu Lunga mais próximo dos folhetos, com traços mais fortes dos estereótipos, com um discurso que se aproxima da curiosidade e do espetáculo em torno do personagem exótico. A revista Playboy, de circulação nacional, apresenta um perfil, que se baseia justamente na construção de uma imagem, com um roteiro e uma edição que conduzem também ao reforço do estereótipo desde o título (“O homem mais mal-humorado do mundo” e pelo antetítulo, que situa a matéria na categoria de humor).

Desde os títulos e subtítulos, temos referências dos rumos que tomam as matérias. Raquel Paris, repórter autora do texto da revista Cariri, fala em “o avesso da lenda”, indicando a existência deste imaginário, mas se propondo a apresentar as suas formas diversas. Contrapõe esta ‘lenda’ à realidade, falando na existência de um “cidadão real” que a nega e considerando que o ser “ignorante” e “zangado” se trata na verdade de uma “capa”, que remete ao estereótipo. Utilizando uma formatação textual em negrito, Paris o apresenta como um homem que quer ser reconhecido como “um bom vizinho e um poeta inspirado”.

Enquanto isso, o texto de Naiana Rodrigues, na revista Siará, traz o título “Lirismo e simplicidade”, sem fazer referência ao estereótipo construído. No subtítulo, a referência também é feita à poesia criada por Seu Joaquim, que se tornara conhecido pelo personagem Seu Lunga dos folhetos. No decorrer do texto de Rodrigues é que são feitas algumas referências à grosseria de Seu Lunga, como contraponto à essa poesia que a matéria pretende revelar.

Já os títulos das revistas Contexto e Playboy, escritas respectivamente por Higo Lima e Adriana Negreiros, remetem à construção dos folhetos e fazem referência ao comportamento grosseiro. O título de Lima diz “Ele só não gosta de pergunta idiota”, e no subtítulo fala do “homem cuja tolerância é zero”, enquanto o de Negreiros se refere ao “homem mais mal-humorado do mundo”. Temos aqui mostras iniciais do conteúdo dos textos baseados no reforço de um estereótipo, pautados no espetáculo que existe em torno de Seu Lunga. Encontramos nestes textos os vínculos mais fortes com os campos finitos que são construídos nos folhetos.

Ainda no subtítulo da revista Playboy, Negreiros faz uma construção sobre seu personagem que é toda pautada na caricatura e na realidade dos folhetos. A jornalista faz uma apreciação sobre Seu Lunga e tece seus juízos com a utilização de adjetivos. “Ele é um intransigente defensor da tolerância zero, um vulcão de irritabilidade, a lenda viva da grosseria” se refere à lenda como sendo comprovada pela existência de Seu Joaquim, além de utilizar termos como “intransigente”, “irritabilidade” e “grosseria” que reforçam a caracterização de um personagem plano caricatural.

Sobre a representação mítica, Paris fala em alguém que é “homem e lenda ao mesmo tempo”, considerando a existência de realidades distintas sobre Seu Lunga e tratando-o um personagem fictício, considerando como realidade cotidiana o percurso histórico da vida de Seu Joaquim, incluindo o dia-a-dia da sucata, a poesia que ele cria e a “vingança” contra o poeta Abraão Batista. Mas o próprio termo vingança retoma o posicionamento do que Paris chama de personagem fictício, que seria “impaciente, ignorante, brabo, cabra da peste”.

Na revista Siará, Rodrigues diz que ele é “um verdadeiro mito” que teria se constituído no cordel. O mito estaria relacionado ao comportamento grosseiro do “homem sem paciência para eufemismos e dotado de respostas rápidas e relativamente grosseiras”. Relativiza o comportamento em uma busca de não cair nos estereótipos, não nega a construção feita pelos folhetos, mas afirma que há “outras facetas” que não são apresentadas nos versos. O texto de Rodrigues segue uma pauta voltada para a apresentação de Seu Lunga poeta, mas a partida é sempre o contraponto com a caricatura estabelecida, quando menciona que mesmo fazendo poesia, os seus “traços conservadores” são mantidos e se manifestam nos versos sobre a imagem feminina. A jornalista também se refere à “fama” e tenta explicá-la tecendo suas próprias considerações sobre Seu Joaquim: “Gosta de tudo à risca, sem rodeios, obedecendo a uma lógica quase sofisticada”. Rodrigues fala também de um “ar sisudo”, “tom sóbrio” e “sentimentos contidos” como elementos característicos que seriam a interface entre Seu Joaquim e Seu Lunga.

Na revista Contexto Lima apresenta Seu Lunga e Seu Joaquim de forma indistinta. Apresenta “Seu Lunga” com o aposto de “homem mais bruto do mundo”. No decorrer do texto, Lima tenta comprovar o estereótipo. Quando Seu Joaquim tenta explicar o motivo de suas respostas, o jornalista completa a citação diminuindo a potencialidade da justificativa. “Como se essas fossem grandes competências capazes de explicar sua pouca paciência para a ignorância alheia”, ou seja, a explicação oferecida por seu Joaquim não é suficiente para convencer ao jornalista. Para Lima, a “brutalidade” de Seu Lunga é “real” e “atestada” pelos visitantes de sua sucata.

Já na revista Playboy, Negreiros fala na “lendária irritação” de Seu Lunga, que seria comprovada quando ele fala em Abraão Batista, quem teria começado a contar seus causos. A matéria de Negreiros contém citações de causos que são retiradas de folhetos e que não são mencionadas as fontes, apresentando-os como parte do texto corrente, sem nenhuma distinção. No parágrafo seguinte justifica que são essas histórias que criam o imaginário em torno de Seu Lunga e que, por isso, ele teria vencido um processo judicial contra o primeiro poeta a utilizar seu apelido em folhetos de cordel.

O texto de Negreiros é construído em torno do personagem e de seu comportamento, apresentando situações contadas pelo próprio Seu Joaquim, como uma forma de comprovar o mito criado em torno dele através da poesia de folhetos. Os exemplos dados são de situações de grosseria, e a forma como a jornalista se refere ao comportamento também possuem o sentido de reforçar a construção caricata. Seu Lunga “se exaspera”, usa tons “taxativos”, “destrata” visitantes.

Além disso, as fontes às quais a jornalista dá voz na matéria são de pessoas que também reforçam as características estereotipadas, como o humorista Tom Cavalcante, que usa os causos atribuídos a Seu Lunga em seu repertório, e o cantor Fagner, que considera Seu Lunga uma pessoa “bem humorada, mas sem paciência nenhuma”. A escolha destas fontes, especificamente, ambas cearenses e com estas opiniões, sem um contraponto, reflete a intencionalidade de manter imagem cristalizada. Além deles, Negreiros fala com Antonio Deusimar, que seria vizinho de Seu Lunga, cuja citação é mais uma história de grosseria, sem comprovação, que é atribuída ao personagem. Como vários indivíduos do Nordeste que contam histórias que juram ter testemunhado e que são atribuídas a Seu Lunga.

Na revista Contexto nos deparamos também com Cícera, uma das filhas de Seu Lunga, cuja construção passa pelo mesmo processo de adjetivação, relacionando os comportamentos como se estivessem ligados por algum tipo de hereditariedade. Este formato ajuda a construir a imagem de uma grosseria que não teria sido criada por um discurso, mas que seria real e transmitida biologicamente. Lima afirma que Cícera é

“temperamental” e que “não nega a genética”, afirmando que o comportamento seria algo natural, e não construído culturalmente, além de, novamente, contribuir para cristalizar o discurso sobre Seu Joaquim.

A questão “genética” também é levantada na revista *Playboy*. Neste caso, Negreiros fala sobre José Camilo, também filho de Seu Lunga. Para a jornalista, ele seria “um sucessor do pai na falta de modos”, tecendo juízo sobre os dois. Considera também que José é herdeiro de um “mau humor familiar”. A jornalista conta também histórias atribuídas ao filho, com o objetivo de comprovar que a grosseria seria um traço genético. Neste momento, Negreiros atribui também ao filho de Seu Lunga o papel de propagar os causos, afirmando que ele conta as histórias com o objetivo de desmenti-las. É o único entrevistado a quem é dada a fala da negação do mito, e isso é feito em tom depreciativo e desconfiado, tirando-lhe a credibilidade quando se fala, por exemplo, que ele ajuda Seu Lunga a “destratar os clientes”.

A referência ao humor é feita na revista *Siará*, na *Contexto* e na *Playboy*. Rodrigues menciona em um momento que Seu Joaquim possui “um humor peculiar”, e a peculiaridade está justamente na comicidade provocada pela grosseria. Lima considera que o riso é provocado pela “intransigência” das respostas a um público que “se aglomera na calçada do ferro velho”, mostrando que é Seu Joaquim, o homem do cotidiano, que cria situações cômicas, e não o personagem dos folhetos, já que os indivíduos que riem constituem uma audiência imediata, uma “plateia”, como chama Lima. Na revista *Playboy*, a referência ao humor é feita no antetítulo da matéria e nos vários causos que são citados como formas de exemplificar situações que o fazem ser considerado “o homem mais mal-humorado do mundo”.

Temos então formas diferentes de construções midiáticas que estão pautadas no espetáculo em torno do personagem, que exploram seu cotidiano e que criam novas formas de cristalizar uma imagem e transformá-lo em personagem. Seja nos folhetos, seja nas revistas, Seu Lunga é ainda um ator que desperta curiosidade para reforçar ou para desmentir estereótipos. E todas as características que dão forma a esta caricatura estão postas em campos finitos de significação em verso e em prosa. Observamos,

assim, que não apenas folhetos, mas também a mídia em geral atua na construção de um espetáculo em torno deste homem que é transformado em personagem midiático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seu Joaquim, que se transforma em Seu Lunga, é um elemento da realidade cotidiana que se transforma em campo finito de significação nos folhetos. É uma amostra de como o cordel é capaz de criar e recriar significados. Os textos são os mais diversos, mas sempre seguindo a mesma estrutura: perguntas mal formuladas e respostas agressivas. O cordel atua no imaginário, seus símbolos e significados farão do relato poético da realidade uma crônica da vida, um texto em que se consegue perceber o mundo pela ótica do poeta.

Isso repercute em outros espaços midiáticos que se apropriam de imaginários e os reforçam. Dos folhetos à mídia de massa, Seu Lunga é tratado como um personagem e mesmo a dimensão de seu cotidiano é tratada como um reforço ao estereótipo. O personagem Seu Lunga passa a ser representativo de um conjunto de ideias referentes a grosseria.

Seu Joaquim adquire características de personagem, um elemento das narrativas. Os elementos que compõem sua representação transitam entre as supostas facticidade e ficção, ambas configurando campos finitos de significação inseridos na realidade cotidiana, o que faz com que Seu Lunga seja a transfiguração de um homem real em personagem midiático. Mesmo que certos indivíduos desconheçam a existência de um referente na realidade cotidiana para o personagem dos versos de cordel, há um sentido que se cristaliza diante de seu nome, que remete às características do protagonista, que são características fixas, ainda que sutilmente os poetas tentem justificar o comportamento do personagem com adjetivos positivos como "inteligente" e "sério".

Em cada veículo, temos formas diferentes de construir tal representação. Estas formas estão relacionadas ao espaço de circulação e à proximidade que os jornalistas

possuem com o personagem, a familiaridade com as histórias. Percebemos que os textos que circulam no Ceará, das revistas Cariri e Siará, estado onde mora Seu Lunga e de onde partem as narrativas, têm um cuidado maior com as imagens difundidas e trabalham justamente no contraponto ao mito. Enquanto as revistas Contexto e Playboy utilizam nos títulos e nos desenvolvimentos das matérias os aspectos que rotulam Seu Lunga, tratando-o justamente como sugere a definição do personagem plano.

Os sentidos que se constroem em torno do personagem se completam na recepção. Por isso, questões sobre a imagem de Seu Lunga, sobre a criação de um mito em torno de seu nome e as relações que isso tem com as representações midiáticas são propostas iniciais para uma nova pesquisa e para novas reflexões.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011XIV. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BARTHES, Roland. Mitologias. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

BRAIT, Beth. A personagem. São Paulo: Ática, 2006.

CARVALHO, Gilmar. Lyra Popular: o cordel do Juazeiro. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

LIMA, Higo. Seu Lunga: ele só não gosta de pergunta idiota. Contexto, Mossoró, n. 2, ano 1, set. 2011, p. 92-97.

LINDOSO, Ester. A fantástica construção do nordestino Seu Lunga. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2000. Disponível em: <<http://br.geocities.com/esquinadaliteratura/autores/ester/ester04.html>>. Acesso: 28 abr. 2009

MORIN, Edgar. O espírito do tempo 1: Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

NEGREIROS, Adriana. O homem mais mal-humorado do mundo. Playboy, São Paulo: Editora Abril, n. 434, jun. 2011.

PARIS, Raquel. O avesso da lenda. Cariri, Juazeiro do Norte, n. 3, ano 1, ago. 2011, p. 54-58.

RODRIGUES, Naiana. Lirismo e simplicidade. Siará, Fortaleza, n. 84, ano 2, ago. 2013, p. 12-16

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2011.

WOOD, James. Como funciona a ficção. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

SOBRE OS AUTORES:

Maria Gislene Carvalho Fonseca é Jornalista. Graduada pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: mgisacarvalho@gmail.com.

Michael Manfred Hanke é Professor do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Dederal do Rio Grande do Norte. Doutor em Filosofia e livre docência em Comunicação pela Universidade de Essen (Alemanha). Pós-doutorando pela Freie Universität Berlin. E-mail: michaelhankebeaga@yahoo.com.br.